

AS PROEZAS DE JOÃO GRILO E A EXPERIÊNCIA DO LEITOR¹

THE PROWESS OF JOÃO GRILO AND THE EXPERIENCE OF THE READER

José Nogueira da Silva²
Adriana Cavalcanti dos Santos³

RESUMO: A experiência do leitor é analisada em *Proezas de João Grilo* de João Ferreira de Lima, partindo da definição de leitura em *La experiencia de la lectura* de Jorge Larrosa (2003). O estudo permite compreender que textos da Literatura de Cordel possibilitam um diálogo que se constitui na relação autor-texto-leitor. Essa afirmação é reforçada por autores como Wolfgang Iser (1979) e Hans Robert Jaus (1979). A análise realizada nos mostra que, por questões identitárias e culturais, o cordel mantém suas estruturas tradicionais, mas ao mesmo tempo apresenta atributos da literatura contemporânea. Assim demonstra sua capacidade de seduzir o leitor e construir a experiência de leitura.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura. Cordel. Experiência do Leitor.

ABSTRACT: The reader's experience is analyzed in *Prowess of João Grilo* by João Ferreira de Lima, starting from the reading definition in *La experiencia de la lectura* by Jorge Larrosa (2003). The study allows to understand that texts of the Cordel Literature enable a dialogue that constitutes the author-text-reader relationship. This statement is reinforced by authors such as Wolfgang Iser (1979) and Hans Robert Jaus (1979). The analysis shows that, for identity and cultural reasons, the cordel maintains its traditional structures, but at the same time presents attributes of contemporary literature. This demonstrates its ability to seduce the reader and build his reading experience.

KEYWORDS: Literature. Cordel. Reader's Experience.

Primeiras palavras

A relação entre o leitor e a obra tem sido um enfoque cada vez mais aprofundado no decorrer das últimas décadas, mesmo que

¹ Artigo recebido em 17/02/2020 e aceito para publicação em 05/06/2020.

² Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Didática da Leitura, da Literatura e da Escrita (GELLIT). E-mail: nogueiraviola@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3765-3729>.

³ Pós-Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Porto. Professora Adjunta da UFAL. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Didática da Leitura, da Escrita e da Literatura (GELLITE). E-mail: adricavalcanti@cedu.ufal.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4556-282X>.



outras linhas teóricas não permitam qualquer interpretação por parte do leitor, segundo Wolfgang Iser (1979), esse posicionamento teórico prejudicaria a experiência estética. Na contramão desse entendimento, pesquisadores têm buscado estudar e teorizar os mecanismos e as formas de interação por meio da linguagem.

Essa relação contribui para a compreensão da relação entre o texto e o leitor, estudos de autores, como Wolfgang Iser (1979) ao falar das instâncias de controle e indeterminações no texto, Hans Rober Jauss (1979) e sua formulação de efeito estético e Jorge Larrosa (2011) com o conceito de Experiência e Alteridade no processo da formação do personagem, permitem depreender o ato da escrita ao entrar em contato com os conhecimentos já assimilados pelo receptor, caso ocorra tal experiência, possibilita que o mesmo não só amplie suas considerações ideológicas, como também, abra mão das mesmas momentaneamente. Essa busca utópica pela ótica alheia permite transformações na visão de mundo do leitor, trazendo novas perspectivas para ele e para a literatura.

O aporte teórico, terá por base principal o texto *Experiência e alteridade em educação* de Jorge Larrosa (2003), além de *A experiência da leitura*⁴ do mesmo autor (2011). Suas considerações acerca do ato da leitura são ilustradas na frase metafórica *Eso que me pasa*, que estampa o contato entre o leitor (*me*) e o texto (*eso*), e o ato do receptor abrir mão de suas ideologias e abarcar um conhecimento que ultrapassa seu universo intelectual (*pasa*). A obra *A interação do texto com o leitor*, de Wolfgang Iser (1979), traz também contribuições significativas à construção discursiva do artigo, já que as descrições das “instâncias de controle” não apenas auxiliam, mas acrescentam à compreensão de experiência de Larrosa.

Teremos como objeto de exame a obra *Proezas de João Grilo* de João Ferreira de Lima (1979), escrita que faz parte da Literatura de Cordel, romance composto de sextilhas heptassilábicas, portanto, de caráter híbrido no que diz respeito à prosa e à poesia. O estudo de um folheto de cordel sob a luz de uma teoria, utilizada, muitas vezes, em obras canônicas, permitirá não apenas uma compreensão do que Larrosa aborda como experiência de leitura, como também as possibilidades interpretativas das quais o gênero dispõe.

⁴ *La experiencia de la lectura*.



Isso que me passa⁵

A ideia de experiência no contato entre o texto e o leitor é ilustrada por Larrosa (2011) através da frase “isso que me passa”, na qual os significantes trazem as cargas semânticas que delineiam a situação do sujeito perante a exterioridade do objeto, indivíduo dotado de bagagem idiossincrática que, em contato com o objeto que lhe é exterior, pode passar por um processo de formação e/ou transformação, ratificando imagens já construídas a partir de experiências anteriores ou desconstruindo as mesmas. Essa relação permite ao leitor ampliar seus horizontes de expectativas e alargar seu repertório cognitivo, pois a flexibilização de sua visão de mundo permite que a mesma seja definida/indefinida no ato da leitura.

Ao elucidar acerca do *eso que me pasa*, Larrosa (2011) define o *eso* como “algo que não depende de mim, que não é uma projeção de mim mesmo, que não é resultado de minhas palavras, nem de minhas ideias, nem de minhas representações (...)” (LARROSA, 2011, p. 5). O autor indica princípios de exterioridade, alteridade e alienação, reforçando a ideia do *isso* como algo estranho ao sujeito, desconhecido, que não pertence ao “eu”, ao *me*, um objeto alheio às experiências, ao território das sensibilidades do sujeito. Essa alteridade precisa ser mantida como tal, na posição daquilo não captado de forma prévia, assim poderá provocar experiências ao perpassar o terreno da subjetividade.

Mesmo havendo princípios de exterioridade, alteridade e alienação, a experiência ocorre no sujeito, partindo de outros princípios como; reflexividade, subjetividade e transformação, ou seja, o *me* supõe algo “não que passe ante mim, ou frente a mim, mas a mim, quer dizer, em mim” (LARROSA, 2011, p. 6). O momento de reflexividade possibilita que o sujeito saia de si para encontrar o *eso* e voltar afetado, modificado pelos efeitos da experiência através de um ato reflexivo de ida e volta no qual o *me* sofreu mudanças por meio de seu contato com o *eso*. O estranhamento provocado pela alteridade permite a dilatação da ótica do sujeito, do seu horizonte de expectativas elencado a partir de suas vivências, cada uma única, imprevisível, coerente com o princípio de subjetividade a partir da vulnerabilidade do *me*, culminando

⁵ Eso que me pasa.



com sua transformação, todavia carecendo antes da exposição/pré-disposição sensível do sujeito às novas experiências.

O termo *passa*, da experiência compreendida como um *eso que me pasa*, alude às duas classificações; a de passagem e de padecimento, enquanto *passagem*, o *passa* evoca a ideia de caminhada, travessia, atravessamento sob uma determinada superfície, um passo que move o sujeito para fora de si, para o *eso*, ao mesmo tempo a palavra traça o sentido de padecimento quando o sujeito da experiência é como um palimpsesto no qual o ato do *passa* deixa sua marca. Nessa conexão, o *me* se posiciona de maneira passiva, não sendo agente de sua experiência. Segundo Iser (1979), a ideologia do leitor (*me*) pode resistir ao rompimento com as expectativas pré-concebidas ao ato da leitura, essa recusa prejudica o andamento da experiência, pois o horizonte não será ampliado, mas ratificado perante um engessamento ideológico, “quanto mais preso esteja o leitor a uma posição ideológica, tanto menos inclinado estará para aceitar uma estrutura básica de compreensão do tema e horizonte, que regula a interação entre texto e leitor.” (ISER, 1979, p. 129).

A leitura de um texto feita por um sujeito que se abre para a experiência é uma leitura em que o sujeito sempre está em estado de pergunta, um sujeito que se quer flexível. O corpo desse leitor não se paralisa em uma rigidez preestabelecida, ou não se coloca como inatingível, não se sustenta em uma postura inteiramente resoluto, pronta, acabada. É antes um sujeito cuja inclinação é a de um corpo tombado, que ao cristaliza poderes, que por vezes, interpela, que se fragiliza porque aceita que há algo que ao se reduz ao seu domínio, mas que lhe é alheio (KEFALÁS, 2012, p. 22-23).

Seguindo o mesmo campo de reflexão dos autores supracitados, Jauss (1979, p. 69) afirma: “A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético na compreensão fruidora e na fruição compreensiva”. Segundo esse viés, a imagem do leitor como observador que absorve o texto é inconsistente, uma vez que ele se desloca para dentro do texto, a relação estabelecida entre ele e a obra faz com que haja um distanciamento de sua condição física real e possibilite a refle-



xão acerca do texto, isso resulta na experiência estética, e apenas através dela uma arte produz significados. Esse diálogo entre o texto e o leitor produz o efeito estético da obra literária.

João Grilo: experiência e alteridade

A experiência é *eso que me pasa*, algo que toca, atinge o leitor de maneira única, irrepetível. Para análise da ideia de experiência abordada por Larrosa (2011), faremos uma investigação da obra *Proezas de João Grilo* do poeta João Ferreira de Lima, folheto que pertence à Literatura de Cordel, gênero que surgiu no nordeste brasileiro, mas é cultivado em todo Brasil, possuindo temáticas variadas, uma delas traz a presença do herói picaresco, criador das mais variadas artimanhas para conseguir escapar das dificuldades apresentadas no decorrer do enredo. Neste caso, as primeiras estrofes já apresentam João Grilo como um indivíduo esperto desde o seu nascimento.

E nasceu de sete meses,
Chorou no bucho da mãe,
Quando ela pegou um gato
Ele gritou: – Não me arranhe!
Não jogue neste animal,
Que talvez você não ganhe! (LIMA, 1979, p. 3).

Primeiramente, devemos destacar o cordel como uma literatura desvinculada das tendências literárias abraçadas pela crítica e/ou academia. Na obra *Tremores* (2015), Jorge Larrosa destaca a relação do indivíduo e a maneira como a sociedade se organiza. Segundo ele, a experiência humana está passando por uma destruição generalizada, na qual, a velocidade em que estamos inseridos é cada vez maior e estabelecida no cenário escolar (levando em conta também a universidade), não é que seja ruim, mas a forma como essa relação tem sido tratada, uma vez que as pessoas são submetidas a uma formação cada vez mais acelerada e de caráter permanente, com atualizações e reciclagens sem fim, “é um sujeito que usa o tempo como um valor o como mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo” (LARROSA, 2015, p. 23).



A literatura sempre mostrou essa capacidade avessa à mercantilização e as relações de interesse predominantemente econômico, apesar de também fazer parte dela, uma vez que as editoras necessitam mercantilizar suas produções, aliás, em nome da necessidade humana de sobrevivência, as produções literárias uma vez ou outra tendem a mercantilizar suas relações e fugir da noção de experiência citada por Larrosa (2015). Contudo, a Literatura de Cordel, em grande parte, foge do mercado editorial, até hoje as produções independentes, sem editoras, são comuns, uma fuga que proporciona uma aproximação maior com algo tão minguado em nossos dias: a experiência.

Ao falar sobre a experiência e suas linguagens, Larrosa (2015) compreende que uma reflexão e compreensão entre a experiência e os sentidos, de maneira paralela, permite pensar de uma maneira alternativa e possibilita a construção de novos efeitos com a intenção de “explorar o que a palavra experiência nos permite pensar, o que a palavra experiência nos permite dizer, e o que a palavra experiência nos permite fazer no campo pedagógico” (LARROSA, 2015, p. 38). Nessa reflexão, o autor propõe cogitar a educação, em seu sentido mais abrangente, não melhor ou pior, mas apenas de uma maneira distinta daquela que se apresenta.

No tocante às sextilhas supracitadas, o texto mostra a esperteza como algo inato ao protagonista, no entanto, ele apresenta um amadurecimento sutil no decorrer da narrativa, pois durante a adolescência sua esperteza foi utilizada para aplicar travessuras. Embora essa característica não o tenha tornado uma espécie de vilão. João Grilo se apresenta no início do cordel como um sujeito desrespeitoso com as pessoas, para isso três encontros foram engendrados pelo narrador: o primeiro com um vaqueiro, fazendo com que quase morresse afogado; o segundo outro embate foi com um padre, que acabou ridicularizado dentro da igreja; e o terceiro caso foi na escola ao utilizar sua astúcia contra o professor, como se quisesse exercer uma espécie de superioridade, um saber empírico no qual o pragmatismo da escola não nos insere.

Me responda, professor,
Entre grandes e pequenos,
Quero que fique notável,
Por todos nossos terrenos,



Responda com rapidez:
Como se chama o mês
Que a mulher fala menos?

Esse mês eu não conheço!
Quem fez essa tabuada?
João Grillo lhe respondeu;
– Ora sebo, camarada!
Pra mim perdeu o valor!
Tem o nome de professor,
Mas não conhece de nada.

Esse mês de fevereiro,
Por todos bem conhecido.
Só tem vinte e oito dias,
O tempo é mais resumido.
Entre grandes e pequenos,
É o que a mulher fala menos!
Mestre, você está perdido! (LIMA, 1979, p. 11).

A sagacidade do protagonista com perguntas e respostas rápidas é dotada de uma simplicidade que, ao mesmo tempo traz em si uma complexidade geradora da curiosidade, passeia os olhos pelas páginas do folheto de cordel. Essa escrita com elementos inusitados pode representar o *isso* ao surpreender o leitor e atingir o *me*, formando, deformando e transformando, como afirma Larrosa (2003):

Pensar a leitura como formação significa pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor. Não somente com o que o leitor sabe, mas com o que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (forma e nos transforma), como algo que nos constitui e nos põe em questão naquilo que somos. A leitura, portanto, não é apenas um passatempo, um mecanismo de evasão do mundo e do eu real. E não se reduz tampouco a um meio de adquirir conhecimentos⁶ (LARROSA, 2003, p. 25-26).

⁶ Pensar la lectura *como formación* implica pensarla como una actividad que tiene que ver con la subjetividad del lector: no sólo con lo que el lector sabe sino con lo que es. Se trata de pensar la lectura como algo que nos forma (o nos de-forma o nos transforma), como algo que nos constituye o nos pone em cuestión en aquello que somos. La lectura, por tanto, no es solo un pasatiempo, un mecanismo de evasión del mundo real y del yo real. Y no reduce tampoco a un medio para adquirir conocimientos.



O abalo sentido pelo leitor é mencionado por Iser (1979), para ele, também os textos ficcionais quanto os não-ficcionais possuem pontos de incertezas interpretativas chamadas de “vazios”. Essas lacunas ampliam o horizonte de expectativas do receptor. O efeito que ocorre na relação texto-leitor não chega a lidar qualquer interpretação, a comunicação estética ocorre quando a projeção do horizonte do leitor é feita diante de instâncias de controle, no caso as negações e os vazios, esses mobilizam a interação entre o texto e o leitor, enquanto aquelas desempenham o controle que possibilita o processo de comunicação.

Os vazios possibilitam as relações entre as perspectivas de representação do texto e incitam o leitor a coordenar estas perspectivas. Os vários tipos de negação invocam elementos conhecidos ou determinados para suprimi-los; o que é suprimido, contudo, permanece à vista e assim provoca modificações na atitude do leitor quanto a seu valor negado. As negações, portanto, provocam o leitor a situar-se perante o texto. Através dos vazios do texto e das negações nele contidas, a atividade de constituição decorrente da assimetria entre texto e leitor adquire uma estrutura determinada, que controle o processo de interação (ISER, 1979, p. 91-92).

Um repertório cada vez mais plural de textos permite ao leitor o privilégio do conflito de sentidos divergentes, possibilita vagar entre os vazios das palavras e dá forças para o preenchimento subjetivo das mesmas. Larrosa (2013), na obra *Pedagogia Profana*, compreende a leitura como “in-quieta”, capaz de realizar no leitor o abandono das seguranças do pensamento já automatizado do cotidiano. Em suas palavras, a linguagem poética dá abertura para o que ele chama de segundo ser, uma situação na qual “as coisas deixam de estar determinadas instrumentalmente como objetos de nossa avidez, e deixam também de estar definidas conceitualmente como parte de nossos sistemas convencionais de classificação e de ordenação da realidade” (LARROSA, 2013, p. 106).

Mesmo que inicialmente o protagonista se apresente como uma espécie de vilão ou anti-herói, esse maniqueísmo é desfeito em seguida. Pois ao sair da escola e presenciar o desespero da mãe, ele declara que irá vencer as dificuldades através de sua astúcia, tranquilizando-a sobre seus problemas financeiros.



A mãe de João Grilo disse:
– Choro por necessidade:
Sou uma pobre viúva
E tu de menor de idade.
Até da escola saíste!
João lhe disse: – Ainda existe
O mesmo Deus de bondade

A senhora pensa em carne
De quatro mil réis o quilo?
Ou talvez do meu destino
Que à força hei de segui-lo?
Não chore, fique bem certa –
A senhora só se aperta
Quando matarem João Grilo! (LIMA, 1979, p. 13).

A partir dessa experiência, do personagem no caso, João Grilo utiliza sua inteligência para melhorar suas condições de vida, defender os injustiçados e dar lições de vida às classes economicamente superiores, ao menos foi o que demonstrou os exemplos nos quais ele se envolveu quando se tornou conselheiro, como se atividades do tipo fossem triviais. No primeiro caso, ele consegue sanar as dificuldades financeiras quando conseguiu tomar dinheiro dos ladrões, fingindo ser um cadáver ou fantasma, ação que foi elogiada pela mãe, diferente das anteriores que ao foram elogiadas nem criticadas, apenas ignoradas como travessuras sem importância.

Chegou e disse: – Mamãe,
Morreu nossa precisão –
O ladrão, que rouba outro,
Tem cem anos de perdão!
Contou o que tinha feito,
Disse a velha: – Está direito,
Vamos fazer refeição! (LIMA, 1979, p. 16).

A indefinição do personagem como praticante de atos bons ou maus, em vez de ser bom ou mau no decorrer de sua trajetória, para incitar a experiência no leitor, no entanto, ela não é semelhante ao experimento, tornando dessa forma, impossível sua objetivação, ao contrário do experimento que pode ser repetido, controlado e homogêneo, algo que não ocorre no contato com a experiência de leitura, que mesmo não sendo



prevista pode ser apontada como um texto que poderá provocá-la. No tocante à distinção entre as duas instâncias, Kefalás (2012) em suas pesquisas aponta: “Ao situar dessa forma a experiência, o que se pretende recusar é sua transformação em uma palavra ‘demasiado fácil’, previsível, dogmatizada, de forma que corra risco de apartar dela o que há de desordem, de fugacidade, de concretude, de carnalidade.” (2012, p.24).

Levando em conta essa perspectiva, é possível que ocorra um jogo com o leitor no qual o texto propõe um embate com o horizonte do receptor através de lacunas, porque farão com que tenham, ou não, um envolvimento com a leitura, uma passividade, um *me*, o que Larrosa chama de “princípio de transformação”; “De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação. Daí que a experiência me forma e me transforma” (LARROSA, 2011, p. 7).

Confiar na experiência como território de surpresa, de desafios; ou ainda atravessar um texto valendo-se do incontrolável e da abertura talvez permita que algo se passe nessa travessia. Interpretar, analisar um texto de forma que o mantenha sob um controle focado na compreensão e na racionalidade arranca da obra o que faz dela acontecimento. Uma atitude de um leitor de dominar, decifrar, interpretar um texto é diferente daquele que passeia pelas palavras permitindo que elas o arranhem, deixem vestígios, ou ainda que o roçar do seu corpo de leitor sobre elas provoque sentidos (KEFALÁS, 2012, p. 29).

No decorrer da narrativa, o autor não detalha uma sequência cronológica, pois mesmo que tenhamos conhecimento de seu nascimento, travessuras na infância, na escola e no momento em que busca melhores condições para a família, o texto (*eso*) não relata a distância temporal entre os fatos, embora isso não seja de vital importância se levarmos em conta que o foco da narração visa suas peripécias rabelaisianas⁷, as mesmas que se alastraram pelo reino, aumentando sua fama a ponto dele ser convidado pelo rei, o que faz supor um decorrer temporal para que esse acontecimento fosse concretizado, já que essa fama não é relatada durante sua infância e tempos de escola.

⁷ Referência à obra francesa *Gargântua e Pantagruel* de François Rabelais.



O rei disse: – João Grilo,
Tua fama é um estrondo!
João Grilo disse: – Eu sabendo,
O que perguntar respondo
Disse o rei enfurecido:
– O que tem o pé comprido
E faz o rastro redondo?

– Senhor rei, tenho lembrança
Do tempo da minha vó,
Que tinha ela um compasso
Na caixa do bororó.
Como ele eu também ando,
Fazendo rastro redondo,
Mexendo uma perna só (LIMA, 1979, p. 21).

Nesse momento, ele passa por várias provações do rei até ser eleito conselheiro real, cargo que o torna capaz de evitar injustiças, como o caso do mendigo acusado de roubar o sabor da comida da panela de um Duque que exigia o pagamento do alimento. O suspense gerado pela narrativa é capaz de, por meio do jogo do texto, tornar o leitor ansioso para saber qual será a saída utilizada por João para resolver a situação, diferente da leitura previsível, ceifadora de experiências com a qual os leitores triviais são mais habituados.

Percebe-se que a ascensão social do personagem se deu pelas suas ações inusitadas, pela excentricidade dos seus atos, uma maneira nova de pensar a realidade proporcionou novas visões das mesmas, novas soluções, novas produções de sentido. Perante essa experiência que nos passa, que nos toca, “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2015, p. 28).

Essa língua que se fabrica sob uma tonalidade arrogante e tomada de certezas, essa língua instrumento, técnica e reprodutora de ideias obstrui a possibilidade de trocar experiências, pois suprime o que há nela de detalhe, de particular, de renovação e transformação. A língua de ninguém, aqui referida, acaba sendo uma língua vazia, uma vez que não provoca sobressaltos, pois se aproxima de algo fabricado, já esperado e já conhecido (KEFALÁS, 2012, p. 31).



Acerca da solução para o mendigo injustiçado, o personagem principal expressa sua preocupação com o caso, por isso, solucionou a questão com um raciocínio lógico capaz de envolver o leitor e surpreendê-lo.

João Grilo tirou do bolso
A importância cobrada.
Na mochila do mendigo
Deixou-a depositada
E disse par ao mendigo:
– Balance a mochila, amigo,
Pro duque ouvir a zoada.

O mendigo, sem demora,
Fez como Grilo mandou:
Pegou sua mochilinha
Com a prata balançou,
Sem compreender o truque.
Bem no ouvido do duque,
O dinheiro tilintou.

Disse o duque enfurecido:
– Mas não recebi o meu!
Disse João Grilo: – Sim, senhor!
E isso foi que valeu.
Deixei de ser baatoteiro,
O tinido do dinheiro
O senhor já recebeu! (LIMA, 1979, p. 27).

É interessante atentarmos para o fato de que durante o início da narrativa, suas peripécias foram praticadas contra indivíduos até então superiores a ele, uma criança/adolescente, autoridades perante as quais deveria prestar respeito, como o vaqueiro, padre, português e o professor, adultos que exigiam respeito baseado em seus papéis sociais. Algo que é desconstruindo no decorrer da narrativa quando ele defende o mendigo. Desfeita redução da narrativa a dois polos opostos, o aspecto maniqueísta dá lugar a um protagonista em processo de formação. Lacunas como essas são encontradas não apenas na trajetória do personagem, mas em outros planos da narrativa, como nas adivinhações, quando João Grilo trazia soluções inesperadas, tais situações demonstram a capacidade do texto prender e o leitor se envolver com o mesmo no decorrer da leitura.



A indeterminação resulta da função comunicativa dos textos ficcionais e, como esta função é realidade por meio das determinações formuladas no texto, esta indeterminação, à medida que textualmente “localizável” não pode deixar de ter uma estrutura. As estruturas centrais de indeterminação no texto são seus vazios (*Leerstellen*) e suas negações. Eles são as condições para a comunicação, pois acionam a interação entre o texto e o leitor e até certo nível a regulam (ISER, 1979, p. 106).

As três estrofes supratranscritas também trazem a possibilidade de aproximar o leitor do texto através de mecanismos sonoros presentes na escrita, a palavra “mochila” além de aparecer duas vezes na primeira estrofe, vem acompanhada de “zoada”, termo que antecipa as expressões; “truque” e “duque”, pois ambas os vocábulos, através das terminações “uque”, asseguram a possibilidade do leitor fazer uma analogia entre a elocução e a ação descrita, como vemos nos termos “tilintou” e “tilintar” com o início “ti” remetendo à onomatopeia que remontaria à ação, levando em conta que são possibilidades que podem ser apreendidas pelo leitor de forma consciente ou no plano da experiência sem um raciocínio descritivo do processo, pois as lacunas não se mostram como simplórias interrupções no texto, mas como constituintes de uma estrutura comunicativa. Para Iser (1979) “Os esquemas do texto tanto apelam para um conhecimento existente no leitor, quanto oferecem informações específicas, através das quais o objeto intencionado – mas não dado – pode ser representado” (1979, p. 109).

A última passagem na qual João Grillo demonstra sua sapiência foi mais uma vez devido ao alastramento de sua fama, o que o fez receber o convite de um sultão, novamente ele demonstra ter como alvo de suas espertezas os superiores a ele, como já era conselheiro de um rei, personagens como; vaqueiros, padres, civis (português) e professores não ostentavam do mesmo *status*, contudo, o sultão de um outro reino e sua corte poderiam ser vistos como tal, para isso ele chegou ao reinado com roupas de mendigo, em tais condições, foi recebido com desprezo pela corte, sendo até mesmo chamado para jantar na cozinha. Após vestir roupas de gala, foi chamado para jantar com o rei, motivo de revolta para



João que apesar de tanta inteligência, sua aparência foi primordial para ser aceito em determinados meios sociais, situação que ele ironizou colocando comida no bolso e jogando vinho na roupa, denunciando que o convite foi feito para sua roupa e não para ele.

Eu estando esfarrapado,
la comer na cozinha,
Mas, como troquei de roupa,
Como junto da rainha.
Vejo nisso grande ultraje –
Homenageiam meu traje,
E não a pessoa minha! (LIMA, 1979, p. 32).

Devido à imprevisibilidade e singularidade da experiência, não é possível apontarmos uma escrita geradora da experiência no leitor, todavia podemos identificar aquelas que possuem potencial para isso através de mecanismos textuais (*isso*) capazes de surpreender quem lê (*me*), estimulando a expansão do horizonte de expectativas do mesmo, pois as artimanhas do personagem possibilitam a ele superar situações nas quais não saberia solucionar através da argúcia, ou ao menos no pouco tempo em que a leitura decorre, tornando as soluções de João surpreendentes (*passa*), carregadoras de lições não apenas no que concerne à agudeza de raciocínio, mas também à preocupação com o próximo, ao uso do conhecimento não apenas para ascender socialmente, usando o mesmo como ferramenta de justiça social, essas e outras possibilidades de experiências de leitura são proporcionadas por esse texto em potencial, todavia o leitor precisa seguir o roteiro interpretativo no sentido de sujeitar sua singularidade aos moldes que a leitura pode proporcionar.

Considerações finais

A recepção, por meio das pistas deixadas pelo leitor, da obra *Proezas da João Grilo* permitiu não ilustrar a noção de experiência teorizada por Larrosa (2003; 2011), mas também que a Literatura de Cordel, gênero de origem popular, dispõe de requisitos suficientes para demonstrar que embora tenha mantido aspectos tradicionais, também possui elementos (*eso*) encontrados



na literatura contemporânea, capazes de seduzir o leitor (*me*) e promover a experiência de leitura (*pasa*). Esse fato ratifica a ideia, já desconstruída, de que os termos “popular” e “erudito” não é uma divisão hierárquica, mas condicionada por fatores diversos como a produção e o consumo, porém a utilização de padrões teóricos, como os da estética da recepção, exhibe aspectos encontrados tanto na literatura dita canônica quanto na popular.

Mesmo que a noção do *eso que me pasa* tenha sido a ferramenta teórica principal, sua coerência com a proposta teórica de Iser permitiu uma compreensão mais abrangente do processo de leitura. Pois, as “instâncias de controle” são os vazios e suas negações. E elas permitem compreender as possibilidades que são abertas para o leitor jogar com o texto, partindo de seus conhecimentos prévios e buscando abarcar pontos de vista ainda desconhecidos. Portanto saindo de sua zona de conforto cognitiva e penetrando em raciocínios que ao mesmo tempo causam embate com suas ideologias, e por isso, podem ampliar o acervo de interpretações que o leitor possui. Essa experiência de leitura só é possível se o receptor ficar sujeito a um momento de cumplicidade para experimentar a alteridade.

Os desafios que são impostos ao protagonista também são desafios ao leitor na medida em que pode tentar antecipar propostas para solucioná-los. Essas lacunas também são indeterminações propostas pelo texto juntamente com terminações de palavras que aludem a onomatopeias que remetem à ação descrita nas estrofes. “As proezas de João Grillo” é uma narrativa que permite essa experiência de modos diversos. Pois, como mostramos ao logo do texto, a trajetória do personagem, oscilando seu comportamento, confunde o leitor à medida que sai da dicotomia bom/mau, causando indeterminações no decorrer da leitura e permitindo ao leitor amplificar seu horizonte de expectativas.

Referências

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, Hans Robert. *et. al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução: Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

KEFALÁS, E. *Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário*. Campinas. Autores Associados, 2012.



José Nogueira da Silva; Adriana Cavalcanti dos Santos

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 5, jul./dez. 2011.

LARROSA, J. **La experiencia de la lectura**. México: FCE, 2003.

LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução: Alfredo Veiga Neto. 5ª ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2013.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes, João Vanderley Geraldi. 1ª ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2015.

LIMA, J. F. de. **Proezas de João Grilo**. São Paulo. Editora Luzeiro Limitada, 1979.

